

## *Pesquisa educacional: algumas questões\**

**José Mário Pires Azanha**

A situação da pesquisa educacional no Brasil, conforme mostram os trabalhos de Aparecida J. Gouveia e de Bernadete Gatti, é relativamente simples de ser descrita. Num resumo algo impressionista, essa descrição poderia ser expressa nos seguintes termos:

Não há no Brasil uma consolidada tradição institucional de pesquisa em educação. A lúcida e talvez prematura iniciativa que representou a fundação do INEP e dos Centros Brasileiro e Regionais de Pesquisa teve uma duração efêmera e muitas vezes conturbada. É verdade que após a extinção dos Centros o INEP permaneceu precariamente e se esforça, ainda com grandes dificuldades, para reassumir o papel de relevo que já teve em outros tempos.

Outra oportunidade de institucionalização da pesquisa em educação ocorreu com a implantação e a difusão dos cursos de pós-graduação na década de 70. Contudo, ainda hoje, não obstante os vinte anos passa-

.....

\* Texto apresentado na Reunião Técnica de Coordenadores de Pós-Graduação em Educação, realizada na UNICAMP, de 10 a 12 de abril de 1991, Campinas.

dos, a pesquisa educacional continua a ser, no Brasil, uma aventura pessoal do pós-graduando, que conta apenas com precários e incertos apoios financeiros, mas não institucionais.

Esse quadro tem se desdobrado num conjunto de conseqüências que já têm sido apontadas pelos estudiosos do assunto e que podem ser resumidas como segue:

1. O investigador individual, quase invariavelmente aluno de um curso de mestrado ou doutorado, empreende uma pesquisa para obtenção de um título acadêmico indispensável para a carreira profissional. Essa motivação não favorece e, muitas vezes, não recomenda o eventual esforço do investigador solitário em se integrar em equipes mais amplas de pesquisa, porque, a não ser que essas equipes sejam coordenadas por um orientador de estudos pós-graduados, capaz de uma forte liderança intelectual, a participação em grupos de pesquisa pode pôr em risco a própria viabilidade do projeto individual, pois a abordagem simultânea e articulada de vários aspectos de uma mesma temática de pesquisa exige um trabalho de coordenação altamente competente e exaustivo. Mesmo que essa competência seja admitida de plano, raramente os professores orientadores dispõem de tempo para essa complexa coordenação. Nesses termos, a integração em equipes de pesquisa, sem o necessário respaldo institucional, dependendo apenas do tirocínio e do prestígio pessoal do eventual orientador, continua uma aventura solitária e temerária.

2. A fase crucial de um trabalho de pesquisa é a escolha do tema de investigação. No caso do mestrando, essa fase, indiscutivelmente, é de longe a mais difícil e de conseqüências mais sérias para o próprio in-

investigador. O primeiro problema com que se defronta o pesquisador é o da escolha entre um tema teórico e um tema empírico. Se se tratar de um profissional jovem, como quase sempre é o caso, a opção por um tema teórico traz inúmeros problemas, dentre os quais sobrepõe o inevitável alongamento da fase de assimilação da bibliografia indispensável, sem nenhuma garantia de êxito, pois, para o investigador responsável, esse convívio mais amplo com a bibliografia especializada traz mais problemas e dúvidas do que indicações claras de rumos e soluções para aproveitamento imediato.

3. Se a opção for por um problema empírico ou prático, há de imediato um obstáculo metodológico intransponível para o pesquisador individual, quer seja ele mestrando ou doutorando. Invariavelmente, ele não dispõe de recursos técnicos e financeiros para realizar uma investigação que incida sobre amostras representativas do universo estudado ou sobre documentos primários referentes ao período de tempo escolhido, no caso de estudos históricos brasileiros. A consequência inevitável dessas limitações é a impossibilidade de qualquer pretensão metodológica mais sofisticada. Investiga-se não aquilo que se quer ou que parece relevante, mas aquilo que pode o pesquisador desassistido tecnicamente e sem recursos institucionais.

Nessas condições, os estudos empíricos acabam sendo estudos de caso ou de outros fragmentos da realidade educacional. E isso não como consequência de razões teóricas, mas por escassez de recursos técnicos e financeiros. É claro que há estudos de caso e outros também específicos notavelmente bem feitos e interessantes, mas não são esses os mais freqüentes. Haja vista, nos últimos tempos, a crescente popularidade de es-

tudos sobre o cotidiano escolar, nos quais não há nenhuma reflexão e argumentação teóricas sobre a importância do tema, parecendo muito mais uma solução "barata", tanto do ponto de vista financeiro quanto metodológico, das aflições do pesquisador.

4. Às vezes, nas hesitações entre um tema teórico e um tema empírico ou prático, o investigador faz uma opção híbrida, mais difícil ainda se a pretensão for descrever e compreender uma situação empírica a partir de teorias disponíveis. Com raras exceções, o investigador jovem nesse tipo de empreitada intelectual não tem um amplo domínio da teoria que o seduz, e assim não consegue ir além da manipulação mais ou menos canhestra de um jargão teórico, para dizer nesse vocabulário aquilo que é simples senso comum. O que se prova nesses estudos é a obviedade de que qualquer ocorrência ou situação pode ser descrita de múltiplas maneiras, algumas mais afinadas do que outras com os modismos intelectuais em evidência neste ou naquele centro acadêmico.

5. Quando o mestrando na área de educação consegue concluir a sua dissertação, ainda assim é discutível que ele tenha acumulado experiências sólidas em termos de sua formação como pesquisador. A não ser em casos raros, sob orientação de raros orientadores, a trajetória do jovem pesquisador, desde a entrada no curso até o término da dissertação, é uma sucessão de frustrações, angústias e desalentos, e a própria dissertação um texto sofrível, muitas vezes com escasso valor teórico ou prático. Nem mesmo das disciplinas cursadas sempre há proveito para a formação do pesquisador, porque muitas vezes a própria escolha dessas disciplinas foi feita por pressões alheias aos interesses dessa formação, pois o próprio quadro curricular ofere-

cido, quase sempre, nada mais reflete do que possibilidades e interesses de docentes, também habituados ao solilóquio intelectual e preocupados, em primeiro lugar, com a sua própria carreira profissional.

Em face desse quadro, um pouco caricatural, que conclusões podem ser tiradas ou que pontos deveriam reter a atenção dos responsáveis pelos cursos de pós-graduação em educação?

Uma conclusão possível é a de que a ausência de uma tradição institucional e a vigência de regulamentações rígidas acabaram impedindo tentativas mais livres para busca de padrões de organização e funcionamento dos cursos de pós-graduação, legalmente destinados à formação do pesquisador em educação.

Hoje, a situação é de perplexidade e de intensa preocupação, não só porque se sente que é necessário fazer alguma coisa, como também porque as agências fomentadoras da pesquisa fazem pressão para que haja modificações urgentes, até mesmo para encurtamento dos prazos regulamentares dos cursos.

Nessas condições, muitas sugestões são apresentadas e o grande risco que se corre é o de se chegar a uma reordenação legal do assunto novamente rígida e impeditiva da busca de soluções plurais.

Por isso, há, pelo menos, três pontos que precisam merecer atenção e com relação aos quais toda cautela é justificada:

### **I. O encurtamento dos prazos de mestrado**

Para que essa providência mereça uma mínima atenção é essencial a exibição de dados numéricos que

demonstrem cabalmente, na área da educação, a existência de intensa demanda de pós-graduados a ser atendida a curto prazo. Sem esses números, corre-se o risco de alterações radicais na situação atual sem nenhum ganho visível e com riscos potenciais muito grandes.

## **II. O mestrado sem dissertação**

A idéia não é nova e o próprio Estatuto da USP prevê essa possibilidade (art. 70). Em face das dificuldades antes apontadas, a medida poderia ser adotada sem evidentes prejuízos, pois poderia contribuir para uma melhoria sensível na formação teórica do mestrando por uma ampliação da exigência de créditos disciplinares ou de estágio. A atual obrigação da dissertação não representa nenhuma garantia de formação efetiva do pesquisador. Pode até mesmo representar prejuízos nesse sentido, quando o mestrando acaba, sob pressão de prazos, improvisando um trabalho que, mesmo com as restrições formais de praxe, acaba sendo aprovado. Por isso, a ampliação de estudos e estágios pode ser altamente compensadora.

## **III. "Monografias de base" como alternativa à dissertação**

A alternativa de que os mestrandos produzam "monografias de base", como material a ser aproveitado por outros pesquisadores, é também bastante interessante. Mas, nesse caso, é preciso lembrar a necessidade de uma articulação institucional que envolva todos os docentes dos programas de pós-graduação.

Na verdade, muitos cursos já vêm instituindo áreas com essa preocupação, mas o que se defende aqui é algo mais complexo. A Faculdade de Educação da USP, por exemplo, está iniciando um trabalho de implantação de uma nova área de concentração em torno, não propriamente de um tema, mas de uma ampla linha de pesquisa sobre a "cultura escolar brasileira", capaz de congrega não apenas os docentes da Faculdade de Educação, como também de áreas externas à instituição e à própria USP.

Parece-nos que numa iniciativa como essa, tomando como eixo uma ampla mas consistente linha de pesquisa, a produção de "monografias de base" poderia receber amparo institucional permanente e até mesmo das agências financiadoras, dando à formação do pesquisador suportes mais estáveis do que aqueles que existem atualmente na maioria dos casos.

Enfim, o que parece claro é que a tomada de decisões gerais e a preocupação com critérios nacionais de avaliação não devem tolher iniciativas das próprias universidades no exercício legítimo da autonomia constitucional.

*J. M. P. Azanha*  
**EDUCAÇÃO:**  
**TEMAS POLÊMICOS**

**Martins Fontes**  
São Paulo 1995